

## Carta sobre Escrita - 4

Caras/os

Jovens Escritores Africanos

Quem sonha tornar-se um escritor precisa de saber que a escrita começa pela leitura. Ler é uma das duas principais fontes da escrita. A primeira é a escuta atenta do mundo, que segreda ao escritor “o que” há de escrever. A leitura alimenta no escritor o “como” escrever. Não se trata, é claro, de escrever *como* os escritores de quem se gosta ou *como* os que são considerados mais importantes. Isso não é escrita, é imitação. E ninguém existe de verdade sendo imitação de outro.

Um escritor é alguém que se eleva na prática da escrita e, elevando-se, eleva consigo o leitor. É ao ler que nos damos conta das infinitas possibilidades que a escrita nos oferece. Por isso a leitura – de bons escritores – inicia-nos nas artes da escrita. Por outro lado, a leitura também nos mostra muitas das possibilidades de escrita que já foram praticadas, logo as que, de certo modo, deixaram de ser caminhos de originalidade.

Um bom escritor tem “uma” voz, “uma” escrita. Por isso ele é “um” escritor. É por entre as escritas dos inúmeros escritores a que tem acesso que um jovem escritor vai formando a sua escrita.

Mas a arte da escrita tem, como qualquer outra arte, os seus problemas técnicos. Vejamos um exemplo tirado do desenho e da pintura: como é que se pinta um nariz? Bem, há mil formas de o fazer, mas há uma coisa certa e segura: eu não sei fazê-lo, porque é difícil e eu nunca aprendi. Nunca pratiquei, nunca vi com olhos de ver como é os muitos pintores resolvem esse problema e, necessariamente, nunca criei a minha forma de representar o nariz dos retratos que... não faço, porque não pratico o desenho, nem a pintura.

Também a escrita tem problemas técnicos que qualquer jovem escritor precisa de aprender a resolver e, mais ainda, talvez deva ensaiar novas formas de resolvê-los.

Como é que se assinala a passagem da voz do narrador para a de uma personagem e desta para a de outra? Como é que se faz a transição, numa narrativa, entre o presente da ação que está a ser narrada e o passado de uma recordação do narrador ou de uma personagem? Como é que se escreve uma tempestade? Ou se retrata uma árvore, uma pessoa, uma casa? Como é que se escreve uma ação lenta, talvez muito lenta, e uma ação muito rápida ou acelerada? Não há, é claro, uma boa resposta para nenhuma destas perguntas. Um mesmo autor pode resolver cada um destes problemas de várias formas. É possível ler uma obra, por exemplo “Os Maias”, de Eça de Queirós, observando com atenção “como” é que ele faz, isto é, como é que ele resolve, por exemplo a introdução de uma fala de uma personagem. Aliás, essa obra começa pela descrição de um palacete. Como é que eu poderia fazer uma boa descrição da casa que habitei durante um mês em Bissau? Não é fácil fazer uma descrição. É necessário praticar. E, para aprender os segredos, uma das melhores formas é ver como faz quem sabe fazer. Aprender com os mestres. De preferência para fazer diferente.

Por isso, ler “Os Maias”, ou qualquer outro romance, implica uma dupla atividade. Por um lado, ler a história, perceber “o que” o autor diz. Que neste caso nem é bem a história da família dos Maias, muito menos dos amores do Carlos e da Maria Eduarda. Quem vai à procura de cenas quentes desespera por nunca mais encontrar nada de “interessante” e o mais provável é abandonar a leitura que não lhe paga, na moeda pretendida, o trabalho da leitura. Aliás, o próprio Eça de Queirós avisa no subtítulo – “Episódios da vida romântica” – que o livro é sobre um tempo ou sobre a vida que se faz na cidade de Lisboa no tempo da transição do romantismo para outra coisa que o autor quer ajudar a construir. E o livro é isso mesmo, um gesto, ou um grito, ou um açoite, de um autor português sobre a sua cidade e o seu país. Mas também sobre a literatura, e a educação, e a política... desse seu país. É isso “o que” o autor nos diz. E, se não lemos isso, não lemos o livro que o autor escreveu.

Mas, lendo isso, há que ler também “como” o autor escreve, ou seja, para continuar com a linguagem acima usada, como ele resolve os múltiplos problemas da tarefa a que se propôs. Ler um bom romance não é, por isso, tarefa fácil. Essa é uma razão suficiente para alguns bons leitores voltarem uma vez e outra e outra ao mesmo livro. Que, se for um bom livro, nunca se esgota. E que acaba por, sendo o mesmo, se tornar outro lido aos vinte e aos quarenta e aos sessenta anos. Prova acabada de que o leitor também faz o livro pela leitura que dele faz. E talvez valha a pena, de vez em quando, ler um mau livro... para se sentir distante daquela escrita e para ver como certos problemas são ali mal resolvidos ou como é que se pode dar à luz um livro que não vale talvez o papel nem a tinta que com ele foram gastos. E talvez o autor tenha pensado que era um grande livro...

Talvez possamos dizer que um escritor nasce lendo e se faz escrevendo. Mas trata-se, é claro, de uma afirmação que só vale dentro de certos limites, que devem ser especificados pelo leitor atento e crítico.

Falámos aqui de prosa. De poesia também. Pois também ela – ainda mais que a prosa –, se é legítimo dizê-lo, se alimenta da leitura de bons poetas.

Mas, por hoje, basta, que a carta já vai longa. Espero, no entanto, que dê algumas pistas para reforçar a prática da leitura. De bons textos. Em livro. De preferência em papel.

Não, os livros não são caros. Basta ir a uma biblioteca pública e inscrever-se. A partir daí, os livros são de leitura gratuita – por empréstimo.

E neste tempo de viciação no digital, vale a pena insistir. Leitura de bons livros em papel.

Março de 2022

José Alves Jana